

STARTUP IN FAVELA: Empreendedorismo Social como estratégia de docilização dos corpos não criminosos¹

Luana Antunes Varela Salvadori (Universidade Federal Fluminense)

O objetivo deste trabalho é produzir um estudo sobre as práticas de uma empresa de tecnologia, e um instituto a ela vinculado, em um dos projetos sociais que desenvolve, voltado à difusão da linguagem de programação em favelas do Rio de Janeiro. A forma como os agentes das iniciativas privadas e do terceiro setor cultuam a ideia do auto-resgate através do empreendedorismo se coloca como um dos problemas centrais investigados. Por meio de suas redes reais e virtuais, circulam a idealização de um estilo de vida e difundem a crença na possibilidade de um mundo melhor, conforme um jargão do universo social pesquisado; e o fazem por intermédio de projetos classificados por eles como projetos de tecnologia social. O trabalho de campo foi realizado de forma multissituada, entre uma empresa, um Instituto e beneficiários do projeto social, e busca-se contribuir para as discussões acerca dos limites e possibilidades das relações entre Estado, mercado e periferias urbanas.

Tomando como conceitos importantes de análise, a pobreza, a juventude, e os problemas sociais, podemos compreender como os instrumentos de “resgate” movidos pelos agentes da empresa estão associados a vontade de modificar o outro, assim como a benevolência que concedem a si mesmos quando cumprem seu papel de interventores. Desta forma foi necessário analisar de que forma as e os agentes da empresa, do Instituto e do projeto social (alunas e alunos) exercem seu poder e calculam sua força de negociação para alcançar seus interesses. Por meio da etnografia, identificamos situações em que se faz uso de marcadores de pobreza, de imoralidade e de incapacidade nas relação entre pessoas da empresa e alunos e alunas moradores de favela.

O empreendedorismo social quando acionado pelo discurso da “elevação coletiva”, tenta ser uma ferramenta de auto-resgate da população de favela, e possui características que formam a ideia de “Economia Saudável”. Os beneficiários do projeto analisado estão sujeitos às regras governamentais do Estado, que incluem a regularidade de seus documentos e o não envolvimento com o crime. A noção do individual está muito presente na construção

¹ VI Enadir, GT01. Antropologia do crime e do direito: justiça e criminalidade em perspectiva.

imagética da empresa sobre um mundo melhor pois operam segundo princípios da ordem da subjetividade, a alma por exemplo, e é incorporada para compreender a tecnologia social como ferramenta de transformação social profunda. Isso nos revela a dimensão psico-social dos efeitos de grandes discursos hegemônicos, como um incentivo carismático às práticas das pessoas em direção a cumprir seu papel de responsabilidade frente às injustiças - de acordo com a visão e sensação de uma parcela da sociedade - do mundo.

Este trabalho procura etnografar e pensar analiticamente as estratégias de controle das práticas ilegais e ilícitas que acontecem nas favelas cariocas, por meio da intervenção econômica. O setor privado, manifestado pela figura da startup, se confunde com os papéis comumente associados ao Estado, como ações em prol da segurança pública, educação e empregabilidade. As redes burocráticas fomentadas pela interação projeto social-instituto-empresa, são importantes para compreender as relações entre justiça, moralidades e cidadania.

A representação da pobreza e da violência como *problema social* presente nos territórios de favela, constrói a categoria de uma juventude violenta, e de uma população sem tutela. Por esse motivo os atores da empresa enfatizam a necessidade de realizarem uma “transformação social profunda” na sociedade em que vivem, e o fazem despolitizando as lutas, mascarando os conflitos, individualizando as conquistas, e domesticando os *outros*. O engajamento das periferias urbanas enquanto produtoras de algo, atrai interesses externos a ela e emerge a disputa por organização desse fazer e pelo modo de significar esse espaço.

A metodologia utilizada para realizar esta pesquisa foi a descrição etnográfica, realizada entre 2017 e 2018, estudando as práticas empresariais e trilhando os procedimentos administrativos e morais que conduzem a realização do curso de programação digital enquanto projeto social. O trabalho de campo foi realizado com idas ao projeto social Cai na Rede, nos dias de aula técnica e aulas de “desenvolvimento pessoal” ou aulas de “cidadania”, situado no Morro dos Prazeres e Complexo do Alemão; e participação em reuniões internas sobre a gestão da empresa Lider’s e sobre o desenvolvimento do Instituto Passos².

² Por motivos de ética sobre o trabalho de campo, no sentido de preservar as identidades das e dos interlocutores, incluindo o nome da empresa e dos projetos sociais à ela vinculados, optei por substituí-los por nomes fictícios.

Por ter proximidade com algumas pessoas que trabalhavam na empresa e no instituto me possibilitaram acompanhar discussões acerca do modo de fazer da empresa em relação ao projeto social, e as disputas pela implementação de uma estratégia ao invés de outra. Demissões, hierarquias, processos decisórios, foram relatados também por meio de conversas informais fora do ambiente da empresa ou do projeto social.

Como forma de iniciar esta análise, descrevo uma série de *eventos* registrados por meio da observação participante. As situações sociais que estou procurando compreender, conforme explica Gluckman, “constituem uma grande parte da matéria-prima do antropólogo, pois são os eventos que observa.” (1987, p. 228). Por meio de suas inter-relações, procuro analisar a forma como os agentes das iniciativas privadas e do terceiro setor cultuam a ideia do auto-resgate das pessoas moradoras de favela através do *empreendedorismo*. Observando *eventos* em que é possível entender como as estratégias do modelo de negócios da empresa se relacionam com o desenvolvimento dos projetos de *tecnologia social*, como são chamados pela startup.

Ensinando a progredir

A entrada do mercado digital como uma nova roupagem para o desenvolvimento das sociedades marca – ou acentua – uma divisão entre desenvolvidos e subdesenvolvidos. Lugares com a produção de “alta tecnologia” segundo critérios próprios de quem a difundiram seriam melhor classificados em uma escala de progresso.

A mão de obra especializada em tecnologia, é um processo que normatiza as mãos, dedos, e cabeças de corpos voltados ao desenvolvimento desse tipo de função, em um lugar onde o jogo se faz entre a valorização da criatividade e ao mesmo tempo da reprodução escalável de um mesmo serviço. Um tipo particular de educação e aprendizagem precisou ser implantado para dar conta dos pedidos do mercado global; crianças e jovens inovadores, pró-ativos, e que saibam trabalhar em grupo.

Estava criada a nova geração civilizacional, onde o “desenvolver-se”, segundo Arturo Escobar (2007) se converteu em um problema central na vida das pessoas, logo, todos os esforços dos órgãos gestores da sociedade (Estado, mercado, ONG’s, etc.) deveriam se concentrar em garantir a ascensão das pessoas representantes dessa potência urbanizadora. Desenvolvimento econômico e desenvolvimento social, foram assim chamados dois pilares da

vida em grupo nas conhecidas sociedades complexas, como podemos observar nos livros sobre economia, negócios e empreendedorismo, por exemplo.

A “invenção do terceiro mundo” (ESCOBAR, 2007), propiciou que variadas comunidades de pessoas, altamente especializadas e detalhadas, fossem reduzidas a apenas duas divisões (desenvolvido e subdesenvolvido), passando a ser suficiente para designar quais os erros e acertos da sua história.

Os interesses produtivos que caracterizam o sistema econômico mundial necessitam se reinventar para responder à crescente demanda de compatibilizar os interesses econômicos com os direitos sociais. Para tanto foi se formando uma espécie de educação de consumo, estabelecendo padrões de vida que vão além de adquirir bens e serviços, mas molda uma ética que toma conta de todas as esferas da vida de uma pessoa.

Desta forma, as demandas do ramo empresarial são as de continuar criando produtos para que as pessoas consumam, e fazer com que o mercado cresça para todas as direções, como a autora Adriana Facina mostra em “Consumo Favela” (2013). Para se expandir, é preciso produtores e consumidores, formando uma rede que sustenta esse ciclo, logo, as pessoas precisam ter o mínimo de empatia com a ideia de um mercado de trabalho e um mercado de consumo.

Alcança-se essa fórmula quando tratamos de questões de emprego para a população, geração de valor, qualidade de vida, segurança, estabilidade, status, desenvolvimento, progresso, entre outras. Demandas essas que se assemelham com as buscadas por movimentos sociais e estratos sociais de pessoas excluídas de processos decisórios e com acesso restrito a direitos na sociedade.

A relação entre as ideias da antropologia do consumo e os debates sobre o regime discursivo do desenvolvimento (ESCOBAR 2016), está em pensar como se articulam e promovem as ideias de ajuda e capacitação sobre pessoas consideradas pobres ou vulneráveis. E as maneiras pelas quais se incluem esses grupos no sistema de poder vigente, de tal forma, que implique a valorização de crescimento econômico como fator determinante sobre o sucesso ou fracasso de uma demanda social.

Podemos apreender uma moral evolutiva que cerca grandes populações na modernidade e provoca nas pessoas a inquietação em ver situações de injustiça. Prefiro pensar

acerca da ideia da “justiça” ao invés, por exemplo da “desigualdade”, pois na sociedade desigual em oportunidades as pessoas em tese, ao sentirem-se incomodadas com ela, abdicariam do lugar de privilégio para democratizar ou redistribuir o que chamam de oportunidades.

Porém consigo visualizar com mais facilidade a indignação sobre a ideia de justiça, ao menos no caso em análise, pois o espanto generalizado em relação ao caso desta estudante mencionado acima, comoveu meus interlocutores por acharem a situação social dos outros tão indigna a ponto de resumi-los aos problemas sociais que sofrem, retirando a capacidade crítica, individual, subjetiva e intuitiva de qualquer processo decisório na vida desta pessoa.

Esse modo de pensar não é único das pessoas da empresa, mas situações que encaramos como injustas despertam uma ética por transformação da realidade que enxergamos. A transformação porém, cabe mais comumente como um processo de intervenção sobre o *outro*, onde o *eu* não faz parte do conjunto de injustiças, mas do campo das soluções. Ao refletirmos o que gera a sensação de busca por mudança na vida do outro, se pensada no plano de estratos ou grandes grupos sociais, vê-se de antemão a convicção de uma superioridade moral. O intuito de melhorar as coisas no mundo vem acompanhado de um modo e direcionado a um público.

De acordo com as teorias de Bourdieu (1997) sobre o campo de pesquisa sociológico, é razoável perceber o embate entre os interesses dos diferentes atores nesse processo, identificado pelo modo como os beneficiários do projeto, as pessoas da empresa e os agentes das ONG's se viam refletidos na atuação do projeto. O que não foi impeditivo para a parceria, mostrando as divergências e convergências de plano de ação através de algumas disputas.

Um dos jovens sócios da empresa falou sobre a sociedade deprimida em que nós vivemos. Segundo ele, o ato de pensar coletivamente nos faria mais corajosos e isso aplicado na prática geraria o que chamou de *inovação reversa*, que se daria sobretudo através dos jovens. A sociedade deprimida, continuou, seria um efeito da ansiedade das pessoas em buscar algo que os faça feliz ao longo da vida, que dê dinheiro, e que faça sentido continuar fazendo. Opinando sobre o propósito de vida das pessoas, ele observou que as pessoas parecem estar confusas com os rumos que devem tomar, e receosas pela insegurança em relação às escolhas que fazem.

Nota-se como, algo que observei ser recorrente no discurso de empresários e de membros dos projetos sociais, as preocupações sobre a felicidade e os sentidos dados à vida em sociedade aparecem condicionadas à preocupações econômicas, necessariamente. Dessa forma, pensando uma maneira de gerir os negócios em concordância com os problemas vivenciados na sociedade, através da visão prévia em que os estudos de mercado distanciam a economia de outras esferas da vida individual e apenas pensam a relação de forma analítica, ou seja, sem sentimentos e subjetividades, segundo seus gestores; novas maneiras de fazer negócios estão se popularizando sob a ideia de um desenvolvimento sustentável, no âmbito econômico.

Favelado 2.0: redes de valor compartilhado

O valor que se troca e compartilha entre redes de colaboração que envolvem comunidade, institutos sociais e empresas não é necessariamente dinheiro, mas podem ser serviços. Foi com essa proposta que a Startup Lider's, empresa de tecnologia iniciou o curso de programadores, Cai na Rede para jovens da periferia. Neste curso gratuito se formaram profissionais, com o modo de operar muito parecido com o da empresa que os financiou.

A empresa utiliza o produto deste investimento, contratando como estagiários ou empregados as pessoas que mais se destacam durante as aulas, pagando menos do que pagariam para alguém recém formado em um curso de graduação na área e ainda mantém um forte vínculo de valores ideais a serem seguidos. Utilizando sempre recursos de aproximação entre chefes e funcionárias(os) da empresa e alunas(os) do curso, remontam ambientes e situações familiares, desejando passar a sensação de serem uma família com laços tão seguros como um núcleo familiar estruturado em padrões de lealdade, confiança, respeito, segurança, afeto, entre outros.

Tecnologias Sociais para regenerar uma sociedade inteira

“Quando a tecnologia se conecta com os valores humanos e as necessidades do Planeta, uma energia transformadora reequilibra a sociedade. Construimos negócios mais autênticos, tecnologias com propósito e uma economia mais sustentável.” (Discurso do diretor da Lider's).

As emoções são tratadas como algo positivo segundo a interpretação dos interlocutores, analiticamente esses pensamentos podem ser associados a oposição *emoção*

versus distanciamento, como se a mente das pessoas que trabalham com programação comumente estivesse restrita ao pensamento lógico, sem se permitir afetar pelas emoções e ser sensível às questões sociais. Essa estrutura segue a linha de que o trabalho pode ser pensado além da busca por lucro, mas pode-se aproveitar o que está desenvolvendo para contribuir para um mundo melhor, explicam os atores da empresa.

A base para a teoria de Tecnologia Social, segundo definições utilizadas por membros da Lider's, embaraça os conceitos de empreendedorismo nativos, com reflexões espirituais, e lança mão da ideia da experiência da transformação individual e coletiva para avançar o pensamento apenas analítico que profissionais da tecnologia geralmente têm, e de acordo com um dos sócios da empresa:

“A tecnologia é a ferramenta que move o mundo. Existimos para colocá-la a favor das reais necessidades da sociedade. Trabalhamos em rede com ativistas, empreendedores, organizações sociais e privadas para potencializar a inteligência coletiva e desenvolver ações de valor compartilhado que geram benefícios econômicos e sociais capazes de regenerar territórios.”

A ideia de uma Economia Saudável surge como proposta para desenvolver o setor econômico, ao mesmo tempo em que se preocupa com as questões sociais, ou seja, a Lider's diz buscar solucionar questões sobre a desigualdade de oportunidades entre as pessoas, o preconceito, a pobreza e a discriminação. A relação sugere de pressuposto que a economia pode, e segundo os membros da Lider's deve, mudar o seu modo de operação no mundo contemporâneo, indicando a continuação do sistema, e a transformação dos desafios.

Segundo essa perspectiva ideológica ou moral, coloca-se um modelo de vida, que influi na expansão do capitalismo, ainda movido pela ética da valorização do trabalho, no qual a transformação significa não tanto a eliminação ou diminuição de desigualdades econômicas nas relações de troca e produção, mas sobretudo a substituição de sua forma de controle vigente por uma outra.

Os jovens da periferia ainda estão atados à rede dos negócios, podendo negociar apenas o tipo de força de trabalho que querem vender, segundo os modernos termos da produção capitalista, empreendedorismo ou tecnologias sociais. Não sendo assim capacitados nos termos vigentes da nova governabilidade empresarial, que assume os problemas sociais enquanto garante seus quadros e consumidores.

A Tecnologia Social surge como uma demanda mercadológica por tecnologia de baixo custo, grande alcance, consumidores ostensivos, diferenciação de produtos no mercado e principalmente, para suprir uma moral de responsabilidade coletiva, traduzida melhor como a responsabilidade com o *outro*, subordinado a alguém e a algum sistema, que precisa ser ajudado pelas pessoas que fazem parte do conjunto de elementos que as fazem pensar e agir como se fossem tocadas por uma superioridade moral, como chama Rita Laura Segato (2006). O problema dessa visão é o fato de colocar as pessoas em categorias sempre desiguais, em que a diversidade é encarada ou como uma forma onde o não hegemônico precisa ser consertado, ou o mercado incorpora a diversidade como forma de consumo.

Empreendedorismo, o bater de asas de uma borboleta

Para meus interlocutores, a essência do empreendedorismo é fazer muito com nada. Eles difundem a ideia de que ações empreendedoras e criativas já executadas pelas pessoas que vivem nas favelas, por conta de suas estratégias de sobrevivência diante da escassez, consigam se expandir para além do território e dialogar com o mercado. O mercado precisa dessas pessoas, e dessas ideias. A missão da empresa é desenvolver tecnologia de ponta nas favelas, a partir das necessidades que lhes são próprias, e se tornarem tecnologia sociais, na medida em que os resultados possam retornar para a sociedade, contribuindo para as “reais necessidades sociais”.

Segundo uma das inovadoras sociais do instituto: “Pensar estratégias de sobrevivência dignas, onde eles (alunos e alunas do curso) possam de fato mostrar todo o seu talento e qualidade. Ser um cidadão pleno, de direitos e deveres mas também de oportunidades.” Pois o curso de programação digital, Cai na Rede, é um programa que democratiza o acesso a tecnologia, segundo seus fundadores. A pergunta que os empreendedores fazem sobre a favela, de acordo com a lógica de Inovação Reversa é: o que falta para essa potência se tornar produto? A resposta: gerar valor. A favela é vista pelos atores da empresa como um território de criatividade, de inovação e inteligência.

No âmbito do projeto de programação digital, o tema de uma das aulas no curso Cai na Rede, foi sobre “entusiasmo”, e o professor neste dia era o assistente social e presidente do instituto. Na aula de “desenvolvimento pessoal” ou chamada de “aula de cidadania” foram utilizadas frases de Paulo Freire e Bertold Brecht para debater com as alunas (os). O

professor pediu para as alunas (os) interpretarem a seguinte frase de Paulo Freire: “Quando a educação não é libertadora o sonho do oprimido é se tornar opressor”.

Os alunos e alunas a interpretaram rapidamente, falando: “Se ele não se sente bem ele quer diminuir os outros”, e “não adianta a pessoa sair da condição ruim que ela está e começar a menosprezar os outros que estavam igual a ela”. Todas as frases lidas eram interpretadas pelas alunas (os) de maneira bastante crítica, e sempre remetendo para o contexto da favela e apontando situações como pobreza, descaso com a favela, falta de uma ideia de bom futuro para os moradores dali, e de como a questão da violência já estava tão naturalizada por todos da comunidade e também fora dela.

Na continuação da aula o professor fez um desenho de uma linha de desempenho da (o) aluna (o) no curso. Esta representava que 35% é o que o Cai na Rede consegue proporcionar aos alunos e os outros 65% é o que a aluna (o) deve conseguir por conta própria, se tiver entusiasmo, a partir do quanto se dedica aos estudos no contraturno, e de seu interesse e sua busca por conhecer o novo.

Essa ideia remete a noção de empreendedorismo, em que os sujeitos dependem, sobretudo, de seus próprios meios para conseguir um ótimo desempenho. A ética empreendedora do desenvolvimento pessoal é uma das coisas que se naturaliza pelos atores da empresa e do projeto. Mas que é a todo momento contestada pela interferência dos alunos ao explicarem que certas coisas estão fora do alcance deles. Pois o território da favela inviabiliza tipos de movimentações e imprime nos moradores de lá, traços que são lidos em ambientes externos com negatividade.

Durante os dias que acompanhei as aulas do curso, havia uma frase falada constantemente pelos sócios da empresa: “O outro não existe, o outro somos nós”. Reparei que é também falada constantemente em outros momentos, sempre em contextos onde se assume uma preocupação com o mundo de maneira ampla, difundindo a ideia do efeito borboleta, onde o bater de asas de uma borboleta pode gerar um terremoto em outra parte do mundo.

Essa analogia é utilizada para explicar porque a empresa Lider’s escolheu trabalhar com tecnologia avançada e *inovação reversa*, como meio para desenvolver-se no mercado econômico. É a justificativa para a criação, financiamento e gestão do instituto vinculado às

atividades da própria empresa. Onde os atores transitam entre papéis ocupados no Estado, mercado e terceiro setor.

O *outro* na frase se refere à preocupação que todos os seres humanos deveriam ter em relação ao planeta terra e as condições de vida das pessoas, de acordo com as ideias das chefes da empresa, um discurso onde se coloca a ética transformadora e humanitária quase inerente ao seu ser. Essa mesma ética se confunde ao ser anunciada em termos empreendedores, pois espalha o conceito chave do empreendedorismo social, em que “quando a sociedade vai mal os negócios vão mal”, frase falada por membros da empresa e publicada em algumas postagens na internet, via página pessoal dos empresários e empresárias ou através da página da Lider’s.

Um caminho diante da diversidade: desenvolvimento (in)sustentável

Deste modo, tomando como conceitos importantes de análise, a *pobreza*, a *juventude*, e os *problemas sociais*, podemos compreender como os instrumentos de “resgate” movidos pelos agentes da empresa estão associados a vontade de modificar o outro, assim como a benevolência que concedem a si mesmos quando cumprem seu papel de interventores, mesmo que isso demonstre a perpetuação do modelo desigual de atuação, e reprodutor de injustiças.

A visão que circula sobre desenvolvimento e progresso entre as agentes da empresa estudada trata a *transformação social profunda* como uma seta apontada para uma única direção, projetando um destino civilizacional para todas e todos os alunos de periferia envolvidos em projetos sociais. Marcadores sociais tais como padrões de limpeza, vestimenta, moradia, modo de falar, modo de andar, são todos incorporados no senso comum para a leitura de uma pessoa, um grupo ou país na condição de *subdesenvolvido* ou *desenvolvido*. Essa mesma relação se reflete ao perseguir o problema recortado nesta pesquisa.

A empresa investe na solução dos problemas através do desenvolvimento pessoal e individual dos jovens, processo no qual esse progresso intersubjetivo levaria a preocupação das alunas e alunos com as questões sociais, procurando atuar na “solução” desses problemas de maneira indireta, pautando-se na perspectiva de que o crescimento individual ou a melhoria das condições econômicas dos sujeitos resultaria na solução de problemas da ordem do social.

As estratégias discursivas, como chama atenção Foucault (2002), neste caso, nas vozes dos agentes do projeto social, pautadas no ideal da construção de um *mundo melhor* por meio de *ações reais*, serve para engajar as pessoas em um modelo de “projeto de vida”, no qual a inação frente ao reconhecimento de sua “condição de subjulgado” a algo ou alguém significa desmerecimento.

Por fim, o direito dessas pessoas, como acesso à educação, saúde, segurança, cultura e lazer, agora é condicionado a sua participação em um projeto social, torna-se um critério que as habilitam a mudar de vida, negando isso às outras que moram no mesmo território.

E portanto, não pensar sobre questões transversais ao território e ao lugar de fala e de produção de “soluções” para problemas sociais é inviabilizar e despolitizar as ações de movimentos sociais locais, e de pessoas que seguem suas lutas pensando sobre: a criminalização das drogas – ou como chama uma das alunas do curso “criminalização dos pobres” - assim como a ação violenta de agentes do Estado nas periferias urbanas; precarização das condições de trabalho contemporâneos; e não levar o racismo estrutural como uma questão central sobre a marginalização dos jovens de favela são alguns dos *problemas sociais* que a desigualdade cria, e que não são - e nem pretendem ser - solucionados pela ação social das empresas ou do mercado.

Referências bibliográficas:

BERGER, Peter & LUCKMANN, Thomas. "Os fundamentos do conhecimento na vida cotidiana". In.: A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1976.

BOURDIEU. Pierre. A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. SP EdUSP. 1996.

BOURDIEU. Pierre. Efeitos de lugar. A miséria do mundo. Editora Vozes. 1997 p. 159-167.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BRONZ, Deborah. 2013 "O 'Estado não sou eu'. Estratégias empresariais no licenciamento ambiental de grandes empreendimentos industriais". Campos, 14 (1- 2):3655.

ESCOBAR, Arturo. La invención del Tercer Mundo. Construcción y deconstrucción del desarrollo. Fundación Editorial el perro y la rana: Caracas, 2007. Pp. 19-45.

ESTEVA, Gustavo. “Desenvolvimento”. In: SACHS, Wolfgang. Dicionário do Desenvolvimento: guia para o conhecimento como poder. Petrópolis: Vozes, 2000. Pp. 59-84.

FABIAN, Johannes. O tempo e a escrita sobre o Outro. In: O tempo e o outro - como a Antropologia estabelece seu objeto. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 100 - 128.

FERGUSON, James. “La Maquinaria Antipolítica. Desarrollo, despolitización y poder burocrático en Lesoto”. In: Galán, Beatriz Pérez. Antropología e Desarrollo. Editorial La Catarata: Madrid, 2012.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FOUCAULT, Michel. "Verdade e poder". In.: Microfísica do Poder. Graal, Rio de Janeiro, 1979.

FOUCAULT, Michel. A governamentalidade. In Microfísica do Poder. 9. ed. Rio de Janeiro. Graal. 1979.

FOUCAULT, Michel. "Conferência 4". In.: A Verdade e as Formas Jurídicas (3a ed.). Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

PEIRANO, Mariza. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. Campos 7(2):9-16,2006.

PIRES, Lenin. Precários e perigosos: possíveis relações entre formalidade e informalidade em processos de administração de conflitos no Rio de Janeiro. 2017.

POLANYI, Karl. A Grande Transformação. As origens da nossa época. Rio de Janeiro : Campus, 1980. 306 p. (páginas 51-75).

SAHLINS, Marshall. "Cosmologias do Capitalismo. O sistema transpacífico do 3 'sistema mundial'". IN: _____. Cultura na prática. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SEGATO, Rita Laura. Antropologia e Direitos Humanos: Alteridade e ética no movimento de expansão dos Direitos Humanos. 2006.

WEBER. Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Editora Martin Claret. 2004 [1904].